

## Utopias urbanas no Brasil contemporâneo dos equívocos do nome à multiplicidade das experiências

Laurent Vidal – Université de La Rochelle – França

Utopia é o nome de uma ilha. Um nome inventado por Tomas More em 1516 – o lugar de lugar nenhum. Nesse “lugar” vive uma sociedade ideal. Com esse neologismo, More convidava os leitores para um mergulho no imaginário dos homens e das formas. E aqui podemos ampliar o leque histórico: voltam à memória as descrições da Atlântida e da Arcadia na Antiguidade, da Cidade do Sol de Campanella ou do Eldorado de Walter Raleigh no Século XVII, da cidade de Genebra de Jean-Jacques Rousseau no Século XVIII. A utopia é assim a tentativa de dar uma forma espacial ao velho sonho humano da harmonia social. Este espaço, claramente delimitado, tem a forma de uma ilha escondida no mar ou na floresta, um lugar fechado e de difícil acesso. Na literatura europeia se impõem as visões de Francis Bacon (*La nouvelle Atlantide*) ou Daniel Defoe (*Robinson Crusoe*); na América Latina, as tentativas de Alejo Carpentier (*Os passos perdidos*) ou Gabriel Garcia Marquez (*Cem anos de solidão*): como muitos outros tentaram dar uma tradução literária a esse desejo social.

Articulado a esse projeto de nova ordem social, a utopia é também o nome dado a uma corrente da arquitetura que nasce no Século XVI e se desenvolve no final do Século XVIII (nas trilhas de Revolução Francesa), sobretudo, na segunda metade do Século XIX. Alguns arquitetos tentam dar forma ao espaço da harmonia social: Fourier e o falanstério; de Guise e o familistério; mais tarde a cidade jardim de Ebenezer Howard; as propostas dos arquitetos russos dos primeiros anos da revolução; ou as propostas dos Congressos Internacionais de Arte Moderna.

Mas o nome “utopia” traduz também, ao nível individual, uma esperança: o desejo de outra coisa, de alhures, de grandes espaços. O filósofo marxista Ernst Bloch definia a utopia como uma projeção para “o ainda-não-vivido”, “o ainda-não-acontecido”, “o ainda-não-consciente”, essas esperanças que ocupam

o espírito dos homens e o horizonte da sua existência, mas que ainda não foram formuladas, nem traduzidas num conceito (BLOCH, 1959). A utopia é a transformação desta “consciência antecipadora” em esperança, mas essa esperança não tem necessariamente uma tradução espacial.

Passando de uma reflexão a partir do nome a uma reflexão a partir do adjetivo (“utópico”), uma outra realidade surge. Se é verdade que nosso conhecimento do mundo tem mais a ver com o adjetivo do que com o substantivo (Gaston Bachelard), é importante reconhecer que o uso do adjetivo “utópico” é essencialmente pejorativo. Quando Engels tentou distinguir o socialismo novo – organizado em torno das idéias de Marx – das outras versões do socialismo, nasceu a distinção entre socialismo científico e socialismo utópico. A partir desse momento, para muitos marxistas como para a burguesia industrial, as propostas utópicas passaram a ser consideradas como simples frutos da imaginação fértil de alguns sonhadores. As falhas das comunidades utópicas na Europa como nas Américas reforçam esse sentimento de descrédito da utopia. Mais tarde, a utopia vai se transformar em ideologia e a ideologia em terror, a exemplo do stalinismo. O adjetivo, então, leva com ele o descrédito – o pensamento utópico desde os meados do Século XIX sofreu desse descrédito.

Já neste rápido levantamento da genealogia da utopia<sup>1</sup> podemos perceber uma distância entre a intencionalidade dos planejadores de sociedades ideais e o que mobiliza concretamente os indivíduos, abertos à possibilidade de uma nova vida. Além disso, as formas planejadas, tanto espaciais como sociais, por serem tão perfeitas, não se concebem dentro do curso normal da história e por isso não admitem mudanças. Ora, é exatamente o desejo (às vezes confuso) de mudança que mobiliza os homens em torno da utopia. Essa distância cria assim uma tensão, e essa tensão faz história, introduzindo as experiências utópicas na realidade concreta das sociedades. O que foi chamado de falha das utopias esconde geralmente a entrada na história dessas comunidades utópicas.

Hoje a utopia parece renascer, notadamente em torno de propostas de utopia concreta. Desse ponto de vista, a utopia residiria mais no *laço* (social) do que no *lugar* (espacial): por exemplo, o prefeito da cidade de Altinópolis (Estado de São Paulo, 15.000 habitantes) tenta, desde o ano 2000, impor como modo de governo a harmonia, a paz e a não violência. Foram introduzidos programas de educação à paz nos currículos escolares, como aulas de religião, cujo programa foi estabelecido pelos representantes das

1 Ver, por exemplo, o catálogo da exposição: UTOPIE, la quête de la société idéale en Occident (2000); e o artigo de Touraine (2000) “La société comme utopie”.

principais correntes religiosas da cidade. E todas as tardes a prefeitura oferece aulas artísticas, esportivas. Mesmo a polícia trocou o revólver pela matraca.

Quando a utopia ainda está projetada numa forma espacial é mais o medo que lhe dá a vida, o desejo de exclusão, de distinção social: é o exemplo da cidade fechada ou do condomínio fechado, reservados a uma camada social específica. A “harmonia” está assim baseada em um processo de desprezo pelo resto da sociedade. Se no Século XVI a ilha de Utopia era localizada em lugar nenhum, hoje a utopia está querendo se impor no meio da cidade real: no Rio de Janeiro, um muro foi construído para separar a cidade legal da Rocinha. Por isso a utopia contemporânea traz uma forma de violência social. Outro exemplo seria o de Ecópolis, projeto de cidade ecologicamente sustentável. Desta vez é o medo de faltar recursos, energia, que dá nascimento a esta forma nova. Na Argentina, na província de San Luis, a milionária chinesa Su Lin tentou construir uma cidade modelo do futuro – Lin City – para instalar 6.500 famílias de 3 pessoas cada uma, ou seja 20.000 pessoas.

Hoje estamos então assistindo a uma ruptura entre a esperança e a forma. Até o Século XIX caminhavam juntas e a distância entre elas criava uma tensão geradora de história, enquanto atualmente ou temos a forma sem a utopia social (e coletiva) ou temos a utopia coletiva (mas sem a forma). As utopias contemporâneas têm um caráter trágico, dramático que devemos levar em conta<sup>2</sup>.

Tendo chegado a esta constatação um pouco pessimista – que tem a ver com as formas planificadas e constrangedoras – não podemos deixar de pensar que o desejo, a esperança, o sonho dos alhures desapareceram. Temos que oferecer-lhes um lugar para que possam se exprimir. É por isso que este número da revista *Cronos* convida a uma reavaliação das utopias urbanas e sociais na história contemporânea do Brasil, dos anos 1950, que abriram grande as portas da utopia no Brasil, quando surgiu, entre o sonho e o concreto, Brasília, até hoje<sup>2</sup>.

Diversos olhares disciplinares foram convocados para esta leitura: o olhar da literatura que planeja sempre no coração das sociedades a semente da utopia; o olhar da geografia que tenta um balanço das propostas espaciais das utopias; o olhar da sociologia que analisa a vertente social dos projetos utópicos, cruzando as perspectivas macro e micro-social. A literatura abre grande o leque das significações da utopia: ela pode começar com o sonho da cidade do sertanejo, que deposita suas esperanças nessas formas fascinantes porque longínquas e quase inacessíveis (Conceição Coelho) ou assumir a forma revolucionária de uma contra-sociedade dentro da cidade real (Rémy Lucas). Três análises serão voltadas

2 Ver, por exemplo, o artigo de Choay (2000).

para o caso de Brasília, a maior utopia urbana concretizada na América Latina do Século XX. Cada uma oferece uma releitura dessa utopia a partir de olhares “marginais”: o do pedestre, nessa cidade pensada para o carro (Inê Elias Magno da Silva), o dos moradores de Vila Planalto, única cidade satélite tombada pela Unesco com o Plano Piloto (Christiane Coelho), e o das práticas políticas do Partido dos Trabalhadores (Daniella Rocha). Contemporânea de Brasília, surge em Minas Gerais a cidade industrial de Ipatinga, *Company Town* cuja proposta urbanística se inscreve na longa história das cidades industriais e dos bairros operários, e oferece um contraponto à visão de Brasília (Maria Isabel de Jesus Chrysostomo).

## REFERÊNCIAS

Bloch, Ernst. **Le principe espérance**. Paris: Gallimard, 1959 (ed. original: 1938-1947).

CHOAY, Françoise. L'utopie et le statut philosophique de l'espace édifié. In: UTOPIE : la quête de la société idéale en Occident. Paris: Bibliothèque Nationale de France/Fayard, 2000. p. 337-343.

UTOPIE: la quête de la société idéale en Occident. Paris: Bibliothèque Nationale de France/Fayard, 2000.

TOURAINÉ, Alain. La société comme utopie. In: BOUTROS-GHALLI, Boutros et al. **Les utopies moteurs de l'histoire? Les rendez-vous de l'histoire, Blois 2000**. Nantes: Éditions Pleins Feux, 2000. p. 28-38.